

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA NACIONAL ESCOLA DE GESTORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO ESCOLAR**

LADI VIVIANA CASTELLI

**Grêmio Estudantil: Exercício da Cidadania e Protagonismo Juvenil**

Porto Alegre

2015

LADI VIVIANA CASTELLI

**Grêmio Estudantil: Exercício da Cidadania e Protagonismo Juvenil**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gestão Escolar, do Programa Nacional Escola de Gestores da Educação Básica, apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Educação, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Gestão Escolar.

Orientador (a): Monique Robain Montano

Porto Alegre

2015

## **RESUMO**

O presente estudo atende exigência do Curso de Especialização em Gestão Escolar – UFRGS e refere-se a análise das ações do Projeto de Intervenção realizado em uma Escola Municipal de Porto Alegre no ano de 2015, visando constituir o seu Grêmio Estudantil. Esta pesquisa teve como foco atuar na diminuição da violência escolar, garantindo espaço para a formação de lideranças, criação de modelos pacíficos de convívio social e de incentivo dos direitos de cidadania, conforme consta no PPP da escola, concretizando-se na criação do Grêmio Estudantil. Os principais autores que inspiram a análise são: Aguiar 2001, Cora 2003, Franco 2005, Luck 2002, Ribeiro 2007, Silva 2011 e Veiga 1988. Esta pesquisa utilizou a pesquisa-ação como forma de intervenção na realidade e o principal resultado alcançado com a pesquisa, nos indica que os estudantes são protagonistas importantes no cenário escolar. Ressalto que para tornar efetivo o protagonismo juvenil, foi necessário compreendê-los como sujeitos de iniciativa, de participação ativa e construtiva no ambiente escolar, uma participação pautada na democracia, contribuindo assim, com seu desenvolvimento pessoal e social, de maneira autônoma, solidária e comprometida.

Palavras-chave: Gestão democrática. Protagonismo Juvenil. Grêmio estudantil.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>05</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>08</b>
<b>3</b>	<b>BASE METODOLÓGICA.....</b>	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>AÇÕES ANALISADAS .....</b>	<b>23</b>
<b>5</b>	<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>29</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>
	<b>ANEXO A – Panfleto 1.....</b>	<b>36</b>
	<b>ANEXO B – Panfleto 2.....</b>	<b>37</b>
	<b>APÊNDICE A – Ata Reunião Equipe.....</b>	<b>38</b>
	<b>APÊNDICE B – Questionário.....</b>	<b>39</b>
	<b>APÊNDICE C – Pauta Reunião Alunos.....</b>	<b>41</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte da conclusão do curso de Especialização em Gestão Escolar – UFRGS e refere-se a análise das ações do Projeto de Intervenção realizado em uma Escola Municipal de Porto Alegre no ano de 2015, visando constituir o seu Grêmio Estudantil, e a razão da escolha do tema, objetiva atuar na diminuição da violência escolar, garantindo espaço para a formação de lideranças, criação de modelos pacíficos de convívio social e de incentivo dos direitos de cidadania

A escola em que foi realizada a pesquisa-ação está localizada em Porto Alegre, num dos maiores bairros da capital. Conta com uma população de 130 mil habitantes, três vezes maior do que a pensada inicialmente, poderia ser comparada com algumas cidades do interior do Rio Grande do Sul, porque ela foi se formando através de assentamentos de famílias oriundas de outras regiões de Porto Alegre ou do interior do nosso Estado, constituindo-se por uma população extremamente carente. Hoje conta com sistema de transporte, telefones, postos de saúde, hospital e instituições de ensino, sendo considerado um núcleo urbano autossuficiente dentro de Porto Alegre. O bairro conta com várias praças, campos de futebol e entidades que desenvolvem diversas atividades para a comunidade. O nível socioeconômico da nossa comunidade escolar é relativamente baixo. Por outro lado, a busca por uma inclusão no mercado de consumo é constante. A maioria das famílias de nossos alunos demonstra dispor de acesso às tecnologias de informação e comunicação contemporâneas, como televisão, telefone celular, e em menor escala, microcomputadores. Tal situação se mostra animadora, pois atesta uma gradativa inserção nos fluxos globais de informação.

A criação do Grêmio Estudantil tem por objetivo que os alunos tenham um órgão que os represente ativamente na nossa escola; justifica-se, dentre outras razões, por acreditar que seja possível a construção de uma escola cidadã, que permita o protagonismo juvenil e o considere como o primeiro exercício de cidadania na sociedade, conforme descrevemos no referencial teórico do trabalho.

Além disso, o Grêmio Estudantil serve para aumentar a participação dos alunos nas atividades da escola, organizando palestras sobre temas da atualidade e próximo de sua realidade, como violência, drogas, sexualidade, meio ambiente, entre outras.

Para realizar esta pesquisa, foram utilizados métodos da pesquisa-ação como reuniões, questionários e conversas em sala de aula com exposições, debates e convidados de outras escolas para relato de experiências, assim promovendo a participação e o comprometimento das pessoas implicadas no processo de mudança. Tendo como principais autores que inspiram a análise são: Aguiar 2001, Cora 2003, Franco 2005, Luck 2002, Ribeiro 2007, Silva 2011 e Veiga 1988.

Estar conectado ao mundo globalizado, entretanto, acarreta em novos obstáculos à ação docente. O desejo de consumir os múltiplos objetos e serviços que lhes são oferecidos a cada dia, ao mesmo tempo em que não possuem os recursos financeiros para realizar estes desejos, cria uma dinâmica que mescla frustração e desejo, e esta influência como agente intensificador de práticas sociais marcadas pela agressividade. Vive-se assim em um ambiente de violência social e econômica, a qual, não é realidade única de nossa comunidade, mas de uma parcela significativa da população mundial.

Neste sentido, este texto pretende colaborar na discussão sobre o que o Protagonismo Juvenil significa, tecnicamente, o jovem participar como protagonista em atividades que não dizem respeito à sua vida particular, sentimental e familiar, mas a questões pertinentes ao direito de todos, na escola, na comunidade ou na coletividade de maneira mais ampla, entendo ser muito importante que devemos aprender a envolver-se de maneira responsável das atividades da sociedade, da nossa comunidade e da nossa escola. E a melhor forma de aprender a se envolver é envolvendo-se, ou seja, aproveitando as possibilidades que surgem ou mesmo elaborando-as.

Outro aspecto muito importante do Protagonismo Juvenil é o conhecimento por parte de nossos jovens como fonte de agir espontaneamente, que é o comportamento; com nível de independência, que é escolha; e como início de compromissos, que é comprometimento. No início do protagonismo, se faz necessária a escolha; nossos jovens necessitam ser livres para

optar, eles precisam participar na decisão se vão ou não fazer parte. Os jovens precisam participar do planejamento e da ação. Depois ainda, necessitam participar da execução da ação, na sua apreciação e na pertinência dos resultados. Existem dois padrões de protagonismo juvenil: quando os adultos, pessoas mais experientes fazem junto, os ajudam, e quando eles fazem sozinhos, de maneira autônoma.

Como ação de intervenção neste contexto social para responder a problemas reais onde nossos estudantes convivem, pesquisamos mais no Blog Protagonismo Juvenil, [http://protagonismojuvenil.blogspot.com.br/2007\\_06\\_01\\_archive.html](http://protagonismojuvenil.blogspot.com.br/2007_06_01_archive.html):

O Protagonismo Juvenil é um tipo de ação de intervenção no contexto social para responder a problemas reais onde o jovem é sempre o ator principal. É uma forma superior de educação para a cidadania não pelo discurso das palavras, mas pelo curso dos acontecimentos. É passar a mensagem da cidadania criando acontecimentos, onde o jovem ocupa uma posição de centralidade. O Protagonismo Juvenil significa, tecnicamente, o jovem participar como ator principal em ações que não dizem respeito à sua vida privada, familiar e afetiva, mas a problemas relativos ao bem comum, na escola, na comunidade ou na sociedade mais ampla. Outro aspecto do protagonismo é a concepção do jovem como fonte de iniciativa, que é ação; como fonte de liberdade, que é opção; e como fonte de compromissos, que é responsabilidade.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A criação do Grêmio Estudantil em nossa escola se constitui como efetiva possibilidade dos primeiros passos na vida social, cultural e política de muitos jovens, demonstrando a relevância deste colegiado na construção de uma gestão democrática. Neste sentido Veiga (1998, p.120) afirma que:

A organização estudantil é a instância onde se cultiva gradativamente o interesse do aluno, para além da sala de aula. A consciência dos direitos individuais vem acoplada à ideia de que estes se conquistam numa participação social e solidária. Numa escola onde a auto-organização dos alunos não seja uma prática, as oportunidades de êxito ficam minimizadas.

É na escola que oportunizamos o exercício da cidadania, na convivência, na vida social e pública. Seja, através dos relacionamentos estabelecidos, professores, estudantes e demais membros da comunidade escolar, pois através deles é que exercitamos nossa cidadania, onde o estudante possa vivenciar, experimentar e praticar, contribuindo assim para a sua formação, inserindo-se de forma mais harmoniosa neste mundo em transformação. Na escola, acreditamos ser o espaço privilegiado de construção de relacionamentos e de convivência entre indivíduos de diferentes grupos, Saviani (1999, p.54) ressalta que:

A relação entre educação e democracia se caracteriza pela dependência e influência recíprocas. A democracia depende da educação para seu fortalecimento e consolidação e a educação depende da democracia para seu pleno desenvolvimento, pois a educação não é outra coisa senão uma relação entre pessoas livres em graus diferentes de maturação humana.

Muito se tem falado sobre os desafios da educação no século XXI e, via de regra, é na escola pública o local onde parecem se materializar as principais defasagens sobre aquilo que se considera uma educação de qualidade: baixos índices de aprendizagens e altos índices de repetência. Comumente se atribui a responsabilidade deste quadro às condições socioeconômicas desfavoráveis das populações atendidas pela escola pública. Pobreza, violência, baixa autoestima dos escolares e presença da criminalidade formam o eixo onde normalmente se articulam os discursos que buscam explicar o fracasso escolar e, por outro



lado, formular caminhos para sua solução. Sem desconsiderar a relevância destes fatores, acreditamos, porém, que há mais coisas.

Na nossa comunidade, um dos mais marcantes é a condição econômica e social. Uma quantidade significativa de moradores não possui emprego formal, sobrevivendo de empregos esporádicos ou de programas governamentais de assistência. É marcante, também, a influência do tráfico e consumo de drogas nas organizações familiares. O tráfico representa, muitas vezes, a renda principal da família, ao mesmo tempo em que o consumo representa a crise e a fragilidade destes laços. A presença dos órgãos de Estado não é efetiva, decorrendo dessa ausência a intensificação da insegurança, o que favorece a produção de uma sociabilidade sustentada por relações de dependência e lealdades pessoais. A comunidade escolar se encontra, portanto, em uma posição de vulnerabilidade social.

Atualmente, porém, é notável o aumento do número de famílias com renda sistemática, o que tem elevado as suas possibilidades de acesso não apenas aos meios básicos de sobrevivência, mas também às questões relacionadas à tecnologia e à informação, ainda que de forma incipiente. A maioria das famílias da comunidade escolar dispõe dos meios contemporâneos de comunicação e informação. Essa situação atesta uma gradativa inserção da comunidade nos fluxos globais de informação, ainda que não represente diretamente a correspondente inserção nos meios de consumo.

Estar conectado ao mundo globalizado acarreta novos obstáculos à organização escolar. O desejo de consumir os múltiplos objetos e serviços que são oferecidos pelas diferentes mídias, limitado pela questão financeira, cria uma dinâmica conflituosa de frustração; dinâmica essa intensificadora de práticas sociais marcadas pela agressividade. Bauman nos afirma: (2007, p. 108).

Dizer 'sociedade de consumidores' é dizer mais, muito mais, do que apenas verbalizar a observação trivial de que, tendo considerado agradável o consumo, seus membros gastam a maior parte de seu tempo e de seus esforços tentando ampliar tais prazeres. É dizer, além disso, que a percepção e o tratamento de praticamente todas as partes do ambiente social e das ações que evocam e estruturam tendem a ser orientados pela 'síndrome consumista' de predisposições cognitivas e avaliativas. A

‘política de vida’, [...] assim como a natureza das relações interpessoais, tende a ser remodelada à semelhança dos meios e objetos de consumo e segundo as linhas sugeridas pela síndrome consumista.

Lidar com as questões aqui ligeiramente apresentadas, que passam pela vulnerabilidade e pela estigmatização, até alcançar a frustração e a agressividade, representa um dos maiores desafios, não apenas para a estrutura político pedagógica da escola, mas para a educação contemporânea como um todo, principalmente a que pretende atender às classes mais periféricas. Contudo, para a elaboração de estratégias nesse sentido, acreditamos ser necessário pormenorizar os atores envolvidos, assim como a sua história. Segundo Missio e Cunha. (p. 08).

Isto leva a repensar a escola em função das relações entre oferta e demanda, pois o poder cultural não está mais localizado em uma escola; ele infiltra-se em qualquer espaço através dos meios de comunicação de massa, o que muda a posição da escola. Antigamente a família exercia o papel de controle sobre esse poder cultural – o qual somente se aprendia na escola – reajustando a criança ao seu meio, sua família.

Acompanhamos em nosso país, nos últimos anos, uma intensificação da ação do Estado no sentido de minorar a situação desfavorável em que vivem as populações mais pobres. Programas de renda mínima e de acompanhamento familiar associados a um crescente investimento na infraestrutura educacional tem procurado tocar na raiz dos problemas que impedem o acesso destas populações a uma educação de qualidade. Apesar destas iniciativas, não se tem percebido uma melhora considerável nos índices de aprendizagem de nossos alunos. Desmotivação e falta de perspectiva por parte dos alunos tem sido a observação mais recorrente da parte de professores para explicar a falta de aprendizagens. Muitas vezes é da parte de alunos de famílias menos vulneráveis que se observa essa atitude de indiferença em relação às atividades escolares, o que de certa forma abala a crença na relação direta entre pobreza e fracasso escolar. Por outro lado, os professores são cobrados e cobram-se a si mesmos sobre seus métodos, sobre seus procedimentos e suas qualidades afetivas enquanto elementos chave para a motivação do aluno e conseqüente sucesso escolar e que precisam ser permanentemente avaliados e reciclados. A frustração é relativamente comum entre professores, pois, de modo geral, ocorre uma grande defasagem entre as expectativas do professor corporificadas em seu planejamento e os resultados das aprendizagens de seus alunos manifestados em seus instrumentos avaliativos. Conforme, Afonso, (2002, p. 20):

Por isso, numa época de transição entre o apogeu do Estado-nação e a emergência de novas instâncias de regulação global e transnacional, alguns dos desafios que se colocam às políticas educativas remetem necessariamente para a necessidade de se inscreverem na agenda política e educacional os processos e as consequências da reconfiguração e ressignificação das cidadanias, resultantes, entre outros fatores, do confronto com manifestações cada vez mais heterogêneas e plurais de afirmação de subjetividades e identidades, em sociedades e regiões multiculturais, e aos quais os sistemas educativos, as escolas e as práticas pedagógicas não podem ser indiferentes.

Considerando também, que a escola pública atual vem assumindo tarefas e enfrentando situações mais complexas e diversificadas do que antigamente, como: pressões políticas que refletem na educação, recursos insuficientes e mal aplicados, o enfraquecimento do papel da escola pela própria classe política, contrastes sociais que desmotivam a continuidade nos estudos e falta de estrutura familiar em grande parte dos alunos, em pleno século XXI, a escola, como se encontra hoje enfrenta um duplo desafio, que não se restringe aos seus muros, mas os extrapola e tende a modificar a própria essência da educação. Em uma primeira instância, há o questionamento sobre a função da escola para a sociedade atual. Em uma segunda instância, totalmente relacionada à primeira, há o descompasso entre a forma como a escola se organiza, na sua maioria, essencialmente tradicional e sólida, segundo Bauman (2007) – e a maneira veloz e dinâmica como a sociedade tem se modificado, a partir da qual as interações se tornam incertas e líquidas. Configura-se, assim, segundo Bauman (2007), a sociedade “líquido-moderna”, com uma carga complexa de características e demandas que modificam profundamente as possibilidades de organização da vida na atualidade. De acordo com Bauman, (2007, p. 7)

Líquido-moderna é uma sociedade em que as condições sobre as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. [...]. Em uma sociedade líquido-moderna, as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades, em incapacidades. As condições de ação e as estratégias de reação envelhecem rapidamente e se tornam obsoletas antes de os atores terem uma chance de aprendê-las efetivamente. Por esta razão, aprender com a experiência a fim de se basear em estratégias e movimentos táticos empregados com sucesso no passado é pouco recomendável: testes anteriores não podem dar conta das rápidas e quase sempre imprevistas (talvez imprevisíveis) mudanças de circunstâncias.

É possível a existência de um campo de experiências livre de concepções enrijecidas e pré-concebidas, nas quais se criam condições para a emergência de sensibilidades individuais

e coletivas inéditas, permeadas pelo acolhimento e pela solidariedade. A escola deve instalar-se neste campo, ajudar a produzi-lo, habitá-lo e criar as condições de sua expansão. Nesse contexto de multiplicidade e unicidade, de singularidade e diferença e, também, de intenso conflito, a escola precisa se recriar. Não com o intuito de “reordenar” essa realidade caótica, mas de produzir instrumentos e condições para se fazer frente a seus múltiplos desafios. De acordo com Afonso, (2001, p. 29).

Como estamos a viver uma época de transição, com contornos ainda muito indefinidos, é também mais difícil contar com referências políticas e teórico-conceptuais consistentes e seguras que nos ajudem a equacionar a realidade social e educacional. A análise sociológica das políticas educacionais é, deste ponto de vista, particularmente sugestiva e estimulante para exercitar a reflexividade crítica; é preciso, no entanto, como referi no início deste texto, ir mais além para encontrar “políticas de transformação” congruentes com as visões do mundo em que acreditamos.

A função social da escola se ressignifica como um espaço para que possam aflorar essas novas formas de sensibilidade, novas formas de estar no mundo inspiradas em valores de solidariedade, reconhecimento e acolhimento da alteridade, ativando um processo de autoprodução das vidas dos atores envolvidos. Segundo Afonso, (2001, p. 22).

Começando por fazer-se tendo sobretudo em consideração características pessoais ou grupais, e fatores económicos e culturais (como, por exemplo, os níveis de alfabetização, a propriedade, a raça ou o sexo), o reconhecimento da cidadania, apesar de ter vindo a incorporar critérios cada vez mais abrangentes, tem sido historicamente um processo baseado na inclusão de alguns e na exclusão de muitos.

Nesta perspectiva, o conhecimento toma a forma de uma produção, criação, efeito do atravessamento e reconhecimento dos múltiplos fluxos que compõe nossos mundos. Conhecimento entendido, assim, como uma produção coletiva, condicionada pelo contexto histórico-cultural que lhe dá suporte. Nesse sentido, Noé, (2000), afirma:

Na realidade, devido ao fato de que elas correspondem a interesses materiais e simbólicos de grupos ou classes diferentemente situadas nas relações de força, esses

agentes pedagógicos tendem sempre a reproduzir a estrutura de distribuição do capital cultural entre esses grupos ou classes, contribuindo do mesmo modo para a reprodução da estrutura social: com efeito, as leis do mercado em que se forma o valor econômico ou simbólico, isto é, o valor enquanto capital cultural, dos arbítrios culturais reproduzidos pelas diferentes ações pedagógicas (indivíduos educados) constituem um dos mecanismos mais o menos determinantes segundo os tipos de formação social, pelos quais se acha assegurada a reprodução social.

Uma nova forma de ser escola, que permita os atravessamentos que já a compõe e que são negligenciados. Um ser escola na complexidade, considerando as múltiplas facetas dos processos de ensino e de aprendizagem, para cada um dos diferentes componentes da comunidade escolar. Um espaço de trocas, de fluxos e de contínuas transformações. Um espaço propício para a construção individual do conhecimento. Evidentemente, esse “recriar” escolar é um caminho desconhecido e, por isso mesmo, cheio de inseguranças e medos. Ainda assim, é o caminho viável para a recolocação da escola como um espaço funcional e fundamental para a sociedade contemporânea. Segundo Cury (2011, p. 19):

E como uma unidade escolar faz parte de um sistema e esse sistema pertence também à organização mais geral da educação nacional, é preciso se relacionar com outros estabelecimentos seja diretamente, seja por meio de participação em fóruns, encontros e assembléias para o estudo e o aprofundamento de temas significativos, em articulação com a Secretaria de Educação.

Nossa escola objetiva, assim, contribuir com a auto formação de cada aluno e aluna como sujeitos de conhecimento, enfatizando o desenvolvimento de uma autoestima positiva, de práticas autônomas e de princípios éticos preocupados com a coletividade (tanto em termos globais – dinâmicas sociais, econômicas e ambientais – quanto locais – diversidade cultural, étnica e de gêneros). Cury (2011, p.17) afirma que:

A escola lida com um horizonte que é a prioridade do aprendizado do aluno estabelecida como direito social, direito de cidadania e direito do indivíduo. O aluno, sujeito de um aprendizado, é o pólo e a finalidade da escola. O fim da escola pública, pela qual ela nasceu e se transformou em direito é o direito do aluno ao conhecimento, explicitado no inciso III do artigo 13 da LDB. Para esse conhecimento é indispensável para todos, para esse conhecimento adquirido na aprendizagem dá e na escola é que o Estado e seus agentes têm o dever de ensinar e garantir um padrão de qualidade (inciso IX do art. 3º da LDB).

Para ver realizado uma proposta de modificação, é preciso planejar. O planejamento nos ajuda a explicar e estruturar as atividades que serão colocadas em prática para atingir nossos objetivos, e estabelecer quais serão as pessoas incumbidas por realizá-las e a prever o tempo necessário para sua efetivação. Conforme Silva, (2011, p.03):

O planejamento participativo não possui um caráter meramente técnico e instrumental, à medida que parte de uma leitura de mundo crítica, que apreende e denuncia o caráter excludente e de injustiça presente em nossa realidade. As características de tal realidade, por sua vez, decorrem, dentre outros fatores, da falta ou da impossibilidade de participação e do fato de a atividade humana acontecer em todos os níveis e aspectos. Nessa perspectiva, a participação se coloca como requisito fundamental para uma nova educação, uma nova escola, uma nova ordem social, uma participação que pressupõe e aponta para a construção coletiva da escola e da própria sociedade.

Assim a participação da comunidade em todos os momentos do processo educativo representa o pilar para a democratização do ensino e deve estar presente desde o planejamento, a execução e a avaliação. Sendo um compromisso assumido por todo o coletivo, presente também nas proposições do Projeto Político Pedagógico, entendendo que o mesmo é imprescindível para o bom desempenho e sucesso da escola. É necessário e importante perceber o que acontece nos dias de hoje, que a sociedade tem tornado as relações mais abertas, isto requer ainda mais a participação de toda a comunidade escolar na concepção e na elaboração dos documentos da escola, assim participarão das ações em todos os níveis. A participação organizada da "comunidade escolar" na vida da escola é uma imposição no presente tempo.

Existe no ambiente escolar a percepção da importância da participação. Isto vai possibilitar uma ação construtiva de aprendizagem, oferecendo às pessoas espaços e orientação para que elas possam com autonomia desenvolver todas as suas potencialidades se apropriando de novos saberes a cada dia. Cury, (2007, p. 22), coloca que:

A gestão democrática da educação é, ao mesmo tempo, por injunção da nossa Constituição (art. 37): transparência e impessoalidade, autonomia e participação, liderança e trabalho coletivo, representatividade e competência. Voltada para um processo de decisão baseado na participação e na deliberação pública, a gestão democrática expressa um anseio de crescimentos dos indivíduos como cidadãos e do

crescimento da sociedade enquanto sociedade democrática. Por isso a gestão democrática é a gestão de uma administração concreta.

Autonomia é expressão de cidadania e se realiza na escola como por exemplo através de uma comunicação aberta; prática de valores como responsabilidade, organização, respeito, criatividade, consciência da relação entre direitos e deveres, comprometimento com a qualidade, integração entre escola e comunidade e principalmente alunos como sujeitos.

Portanto, caminhar em direção da democracia na escola exige uma organização que envolva a participação de todos os seus membros, afastando-se assim do individualismo para se chegar ao diálogo, é preciso coragem e firmeza nas tomadas de decisões rompendo com as estruturas organizacionais fragmentadas, envolvendo a vontade política da comunidade, pois só assim cria-se uma consciência coletiva, dando à escola a oportunidade de cumprir sua missão que é de desenvolver, construir e reconstruir o saber dentro do processo dinâmico. Cury, (2007, p. 20), caracteriza:

A escola é uma instituição de serviço público que se distingue por oferecer o ensino como um bem público. Ela não é uma empresa de produção ou uma loja de vendas. Assim, a gestão democrática é, antes de tudo, uma abertura ao diálogo e à busca de caminhos mais consequentes com a democratização da escola brasileira em razão de seus fins maiores postos no artigo 205 da Constituição Federal.

O passo fundamental num projeto é saber o que queremos conseguir. Em seguida, o que faremos para alcançar os objetivos e, então, de quais recursos (se financeiros, humanos, materiais, ...) necessitaremos para botar nosso projeto em ação. No caso deste trabalho, nosso principal objetivo é constituir o Grêmio Estudantil na escola. É importante identificar também as forças e fraquezas da escola para enfrentar esse desafio, ou seja, aquilo que reforça uma ação e aquilo que pode dificultá-la. Segundo Ribeiro e Kaloustian (2007, p.15), “As forças têm de ser potencializadas, e as fraquezas, controladas”. De acordo com Luck, (2002, p. 11):

Gestão escolar: [...] constitui uma dimensão e um enfoque de atuação que objetiva promover a organização, a mobilização e a articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos sócio educacionais dos estabelecimentos de ensino orientadas para a promoção efetiva da aprendizagem pelos alunos, de modo a torná-los capazes de enfrentar

adequadamente os desafios da sociedade globalizada e da economia centrada no conhecimento.

Formar e estimular os grêmios estudantis como caminhos priorizados de participação dos estudantes no ambiente escolar. Através do diálogo, da participação e do sentimento de pertencimento a este novo espaço do qual os estudantes começam a se apropriar. Conscientizá-los de que, a escola é o seu espaço de construção da cidadania é objetivo central da gestão democrática. É aí que entra a criação do Grêmio Estudantil, para que aconteça uma maior participação de nossos estudantes, devemos permitir que os mesmos se inquietem com os problemas do dia a dia em sua volta e aliem-se para refletir sobre possibilidades e alternativas sobre o que precisa ser melhorado na escola, criando sentimentos de pertencimento e responsabilidade. Assim vão idealizando personalidades com as quais encaminham seu desempenho. Conforme Sposito, (1999, p. 90):

Uma possibilidade importante de ação do mundo adulto escolar reside na sua capacidade de dialogar com essas forças que podem estar submersas, às vezes, na própria sala de aula, nos pátios e corredores, sob a aparência do aluno passivo e distanciado. Trata-se de pensar a escola como mais um dentre os espaços propícios à constituição de sujeitos que tentam compreender sua presença no mundo e buscam construir projetos em condições desafiadoras e adversas impostas pela sociedade atual.

Diversos aspectos estão presentes no cotidiano de nossa escola, no que diz respeito à participação e gestão democrática. Porém, precisamos qualificar ainda mais esta participação, onde os diferentes sujeitos possam discutir, propor, aprender e ensinar com as trocas e o diálogo. Além disso, penso que não basta democratizar a gestão para que se tenha uma maior participação de nossos alunos; é preciso, antes de mais nada, nos despirmos dos preconceitos e idealizar a democratização em todos os ambientes e fazeres da escola: reuniões, festas, eventos, calendários, cardápios, nas relações de forma geral. Somente em um espaço acolhedor, que não julgue o outro e aceite e respeite o diferente é que pode existir uma participação efetiva e de qualidade. Enquanto as práticas pedagógicas refletirem as perspectivas e visões de uma sociedade desigual e preconceituosa, jamais teremos a real participação da comunidade.



Conforme Galina, (2008), outras instâncias de ação colegiada, institucionalizadas ou não, como a Associação de Pais, Mestres e Funcionários e o Grêmio Estudantil, podem ser importantes ferramentas para o aprimoramento do processo educativo e para o exercício da democracia no interior das escolas. Confirmando a importância dos colegiados para a efetivação do processo democrático, Abranches (2003, p.14) ressalta que:

Os órgãos colegiados têm possibilitado a implementação de novas formas de gestão por meio de um modelo de administração coletiva, em que todos participam dos processos decisórios e do acompanhamento, execução e avaliação das ações nas unidades escolares, envolvendo as questões administrativas, financeiras e pedagógicas.

O convívio nesse ambiente contribui para a aprendizagem de formas mais colaborativas de comportamento, desenvolvendo sentimentos de discernimento e comprometimento. Para que estes estudantes, ao longo do convívio em grupo, redefinam seus discursos e suas práticas. Aprendendo uns com os outros a organizar as atividades no grêmio, pensar o processo participativo coletivamente com responsabilidade e comprometimento. Ou seja, é através do Grêmio Estudantil que nossos estudantes vão ter voz e vez. É neste espaço que eles têm garantida sua participação, onde podem opinar, trazer sugestões e manifestar os desejos e suas prioridades.

O grêmio é também um importante espaço de aprendizagem, cidadania, convivência, responsabilidade e luta por direitos. Por isso, um dos nossos principais objetivos é contribuir para aumentar a participação dos alunos nas atividades da escola, organizando campeonatos, palestras, projetos e discussões, provocando os alunos, para que os mesmos tenham voz ativa e envolvam-se – junto com familiares, funcionários, professores, orientadores, supervisores e diretores – da programação e da elaboração do regimento interno da escola. Conforme Cora (2003 p. 4).

O Grêmio é também um importante espaço de aprendizagem, cidadania, convivência, responsabilidade e de luta por direitos. Por isso, é importante deixar claro que um de seus principais objetivos é contribuir para aumentar a participação dos alunos nas atividades de sua escola, organizando campeonatos, palestras, projetos e discussões, fazendo que eles tenham voz ativa e participem – junto com pais, funcionários, professores, coordenadores e diretores – da programação e da

construção das regras dentro da escola. Para resumir: um Grêmio Estudantil pode fazer muitas coisas, desde organizar festas nos finais de semana até exigir melhorias na qualidade do ensino. Ele tem o potencial de integrar mais os alunos entre si, com toda a escola e com a comunidade.

### 3 BASE METODOLÓGICA

A metodologia utilizada no desenvolvimento do Projeto de Intervenção é a pesquisa-ação. O referido projeto trata da formação do grêmio estudantil em uma escola municipal de ensino fundamental, com o objetivo de atuar na diminuição da violência escolar e garantir um espaço com enorme potencial para constituir lideranças e a constituição de formas pacíficas de relação social e de promoção dos direitos de toda a sociedade. Os relatos de outras escolas após a constituição do Grêmio Estudantil, tem mostrado que é uma ferramenta eficaz tanto para produzir caminhos para a solução pacífica de conflitos dentro do ambiente escolar, como também para incentivar os jovens a elaborarem seus projetos de vida, traçados por outros princípios, possibilidades, formas de trabalho e participação na comunidade.

A seguir, apresentaremos os momentos do processo realizados até esta data, que podem ser combinados de formas diferentes, conforme nosso dia a dia, as condições, o tempo disponível e os acúmulos da escola, como também, sendo possível agregar outras ações e etapas não previstas nesta proposta.

Como já destacado, a proposta metodológica da pesquisa-ação é um “leque aberto” e nos dá possibilidades para dar início a um processo mais amplo de debate na comunidade escolar sobre a importância do Grêmio Estudantil. Outra possibilidade é o uso da pesquisa de opinião ou de outros tipos de pesquisas que possam mobilizar todos (as) os (as) alunos (as), os (as) profissionais de educação, os familiares para a realização de um levantamento sobre o que pensam as pessoas com relação a esses problemas e o que sugerem como ideias e propostas para superá-los. De acordo com Franco, 2005, p.494:

A imprevisibilidade é um componente fundamental à prática da pesquisa-ação. Considerá-la (a imprevisibilidade) significa estar aberto para reconstruções em processo, para retomadas de princípio, para recolocação de prioridades, sempre no coletivo, por meio de acordos consensuais, amplamente negociados. A pressa é um pressuposto que não funciona na pesquisa-ação e se estiver presente conduz, quase que sempre, a atropelamentos no trato com o coletivo, passando a priorizar o produto, e tornando mais fácil a utilização de procedimentos estratégicos que vão descaracterizar a pesquisa.

As pesquisas podem ser utilizadas no planejamento da formação do Grêmio Estudantil, no desenvolvimento da gestão democrática escolar, no processo de ensino-aprendizagem, na contextualização dos conteúdos das disciplinas, na composição de diversas disciplinas e na discussão da escola com a comunidade. Desenvolvemos por meio das seguintes etapas:

- Formação da equipe da pesquisa: que pode envolver um (a) professor (a) com sua turma de alunos (as), a partir de uma ação articulada com a direção, a coordenação pedagógica e o conselho escolar.

- Tema “Grêmio Estudantil”: momento coletivo no qual se buscam respostas para as seguintes questões: O que queremos saber? O que já sabemos sobre o assunto, no âmbito local ou em referências mais amplas? Que tipos de dúvidas pretendemos abordar por meio da pesquisa? Quais hipóteses podemos levantar com a pesquisa? Quais os vários lados/aspectos do problema serão abordados? O que será feito com os resultados da pesquisa? Como e para quem serão divulgados?

- Estudo sobre o tema que será abordado na pesquisa: nesse momento é importante estimular o levantamento de informações sobre o tema da pesquisa em diferentes fontes (livros, jornais, revistas, internet, depoimentos de familiares e pessoas da comunidade etc.), que possam contribuir para a maior compreensão das questões em jogo e embasamento. Segundo Franco (2005 p. 491)

Quando se pretende investigar a dimensão da ação na pesquisa-ação, tem-se também por finalidade refletir seu sentido, suas configurações, bem como seu “entranhamento” no processo investigativo. Nessa direção, tem-se a preocupação de identificar as ações necessárias à construção/compreensão do objeto de estudo em questão, bem como as ações fundamentais para transformar tais compreensões em produção de conhecimento. Portanto, o grande interesse é permitir conhecer as ações necessárias à compreensão dos processos que estruturam a pedagogia da mudança da práxis na situação em investigação.

Após estas etapas mencionadas acima, acrescentamos outras como: identificação da população e definição da amostra (número de pessoas que foram ouvidas); elaboração da apresentação nas aulas; reuniões realizadas para ouvir a opinião da comunidade escolar; tabulação e processamento dos dados; análise, interpretação e apresentação dos resultados e registro e sistematização da experiência. Essas etapas envolveram professores de várias disciplinas (educação física, história, matemática, língua portuguesa, artes etc.), como também os de anos iniciais e estarão mais bem detalhadas ao desenvolver o projeto. Nesse sentido Franco (2005 p. 486).

A condição para ser pesquisa-ação crítica é o mergulho na práxis do grupo social em estudo, do qual se extraem as perspectivas latentes, o oculto, o não familiar que sustentam as práticas, sendo as mudanças negociadas e geridas no coletivo. Nessa direção, as pesquisas-ação colaborativas, na maioria das vezes, assumem também o caráter de criticidade.

Para dar início ao Plano de Ação da Escola, é importante resgatar coletivamente os momentos e os resultados de cada um dos momentos anteriores desenvolvidos como parte do processo de formação do grêmio Estudantil é importante que todas as pessoas tenham nítida a trilha escolhida e percorrida pela escola para chegar à construção do plano.

Numa escola que tem como objetivo formar indivíduos participativos, críticos e criativos, a organização estudantil adquire importância fundamental, à medida que se constitui numa "instância onde se cultiva gradativamente o interesse do aluno, para além da sala de aula. (VEIGA, 1998, p. 113).

Com o objetivo de elaborar o plano, é hora de organizar com toda a comunidade escolar para o resgate do processo e o levantamento das prioridades e principais ações a serem desenvolvidas. O detalhamento da operacionalização das ações poderá ser realizado posteriormente em um coletivo menor, constituído pela direção, coordenação pedagógica, conselho escolar e outras instâncias e grupos da escola, divulgado de diferentes formas: nos murais, nas reuniões e encontros, nos meios de comunicação existentes, entre outros.

É fundamental que os (as) profissionais de educação, estudantes e familiares conheçam e se apropriem do planejamento e da responsabilidade de cada um para sua concretização. De acordo com Ribeiro e Kaloustian (2007, p.15)

Difícilmente um planejamento termina do mesmo jeito que começou. Há coisas que acontecem como o previsto, e outras nem tanto. Isso não quer dizer que o planejamento não deu certo, mas sim, que ele exige acompanhamento e avaliação. Assim, é preciso estar atento, alterando o que está dando errado e observando o que muda para melhor. Nesse sentido, reuniões periódicas ajudam a verificar se as ações estão acontecendo como foram planejadas e no tempo determinado anteriormente.

Uma boa verificação de resultados normalmente leva aos indicadores. No caso deste plano de ação, que visa à melhoria da qualidade da educação, contamos com a formação do Grêmio Estudantil na escola apresentado aqui. Então, para avaliar se as ações programadas estão solucionando os problemas verificados nas perspectivas discutidas, pode-se evocar ao uso deste instrumental a cada um ou dois anos, por exemplo. Se a avaliação da comunidade escolar atribuir que eles estiverem melhorando, o projeto de ação estará dando resultado.

Assim colocamos que a formação do Grêmio Estudantil é resultado da motivação e iniciativa de nossos alunos que reconhecem a importância deste colegiado, com certeza o primeiro exercício de participação democrática. O grêmio estudantil, sendo uma organização que nasce da união de nossos estudantes, da nossa escola para apresentar as preferências de todos os alunos e alunas. O direito dos estudantes à organização por meio do grêmio está previsto na legislação federal. Lei nº 7.398, de 4 de novembro de 1985.

#### 4 AÇÕES ANALISADAS

Já colocado anteriormente, a formação do Grêmio Estudantil é resultado da motivação e iniciativa de nossos estudantes sobre a importância desta aproximação, com certeza a primeira prática de trabalho democrático. Pensando que este espaço está se constituindo como local onde os estudantes podem participar de forma mais atuante na formação de sua cidadania e expor suas preocupações e expectativas. Apresento aqui uma análise das principais ações desenvolvidas até o presente momento:

No dia 23 de fevereiro de 2015 em reunião de Equipe diretiva apresentei a proposta de criação do Grêmio Estudantil na escola e submetendo a avaliação dos mesmos. Todos concordaram, obtendo 100% de aprovação e com novas sugestões, como também alguns aspectos a serem considerados. A falta de tempo devido as muitas demandas no nosso dia a dia foi um dos aspectos a ser considerado pela grande maioria, e como sugestão, solicitar ajuda aos professores para nos auxiliarem no processo de divulgação e formação do Grêmio Estudantil entre nossos alunos.

Dia 26 de fevereiro de 2015 recebemos todos os professores da escola para um dia de planejamento. Momento em que trabalhamos o início do ano letivo e apresentamos novos projetos para serem executados no decorrer do ano. Por estarem todos presentes, aproveitei e apresentei a proposta para os mesmos. Os mais antigos lembraram que é uma demanda do segmento alunos e há muito tempo pensamos neste espaço na nossa escola, demonstraram interesse e ideias, alguns colocando-se à disposição e propondo disponibilizar parte de seu tempo de planejamento e até horários alternativos por entenderem a importância da participação de nossos alunos no Grêmio Estudantil, e esta ação também possibilitará o maior envolvimento dos mesmos, como também desenvolver a iniciativa, autonomia, responsabilidade, coletividade e pensamento crítico de nossos alunos. Como dificuldade alguns colocaram que temos muitos projetos e metas a serem alcançadas durante o ano, mas ninguém foi contrário.

Em 07 de março de 2015 realizamos assembleia com todos os segmentos da escola para discussão, votação e aprovação do Calendário Escolar e apresentação aos pais a proposta de criação do Grêmio Estudantil na escola. Falei da importância desse espaço e que conseguiríamos uma maior participação dos filhos na escola, como também um maior interesse por seus estudos, assim resultando em melhor aprendizagem. Os mesmos colocaram que entendem e consideram interessante pois incentiva seus filhos a participarem e, se necessário autorizariam os mesmos a ficar na escola depois do horário. Alguns demonstraram receio por saberem se seus filhos estão realmente na escola e, não sentirem segurança se os encontros acontecerem no turno da noite. Coloquei que as reuniões serão realizadas nas quintas-feiras no horário das reuniões pedagógicas ou horários vespertinos. Nesse sentido Franco (2005 p. 505)

É muito difícil abordar com pertinência, em poucas linhas, a importância da construção/ reconstrução de uma dinâmica coletiva. No entanto, é preciso que os pesquisadores que se propõem a realizar uma pesquisa-ação percebam que estarão lidando com um grupo, de alguma forma estruturado, que possui uma dinâmica própria e que ele, pesquisador, de início, não faz parte desse grupo. Neste, o pesquisador pretende, junto ao coletivo, empreender mudanças. Como chegar e imediatamente começar a pesquisar? Há que se ter um “aquecimento coletivo” que anteceda o trabalho de pesquisa propriamente dito.

No dia 09 de março de 2015 realizamos uma reunião com o segmento alunos e apresentamos os primeiros passos para a constituição do Grêmio Estudantil, como também a Lei nº 7.398, de autoria do deputado federal Aldo Arantes, de 04 de novembro de 1985 e sancionada no dia 5 de novembro, que garante a livre organização dos estudantes secundaristas, como também dispõe sobre a organização de entidades estudantis representativas dos estudantes. Reforçamos que é uma organização dos alunos na escola, formado apenas pelos mesmos e de forma independente, sendo responsáveis por desenvolverem atividades culturais, esportivas e também auxiliando na melhoria de outros espaços, como também criação de projetos e promoção de encontros, palestras e debates que possam interessar aos alunos da escola. Foi grande o interesse na participação e a possibilidade de ampliação na atuação em outros espaços na escola, podendo assim se constituírem como um grupo que represente a comunidade discente da escola, com participação efetiva.



Neste momento, conversamos também sobre a postura inadequada por parte de alguns alunos que visam a participação como lideranças negativas. Após muitas colocações por parte dos alunos, concluímos que a formação de grêmios estudantis na escola visa agir na redução da violência escolar e garantir um espaço com enorme potencial para a idealização de lideranças e a implementação de formas pacíficas de relação social e de elevação dos direitos de cidadania. Desestruturar a formação de grupos (entre alunos) que objetivam perturbar as aulas, como também a depredação da escola. Conforme Aguiar e Grácio (2001 p.75).

O movimento para organização do grêmios inicia-se com a aglutinação de alunos com interesses em comum, prossegue com a formação de chapas e a mobilização de outros alunos em torno de projetos que pretendam implementar após as eleições.

Contando com o apoio dos professores e demais trabalhadores da Escola, organizamos três semanas de discussão dentro das salas de aula sobre Grêmios e Movimento Estudantil, que aconteceu de 20 de abril à 08 de maio, foi necessário um tempo maior que o planejado. Com o auxílio de alguns professores, selecionamos e repassamos material de apoio, como: textos, vídeos, o livro do Ziraldo “Tiiiiim... A hora do Grêmios é essa!” Da UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, etc. e, elaboramos uma proposta de plano de aula para ser executada. A adesão foi livre, voluntária, de grande ajuda. Informamos a todos por e-mail e conseguimos contar com um professor para fazer essa mediação por turma.

Concluímos as discussões nas salas de aula em 08 de maio, mas devido à data base dos servidores municipais de Porto Alegre, e possibilidade de greve, agora confirmada, adiamos o convite para os representantes de vários grêmios e diretórios para virem conversar com nossos alunos, como também os eventos que seriam realizados. Colocamos material informativo nos murais da escola e, como também estamos em processo de eleição do novo Conselho Escolar, trabalhamos para que participem os mesmos se candidatem para o segmento alunos, e a responsabilidade da representação, como também na participação da gestão da escola.

Após esta data iniciou o período da data base dos municipais de Porto Alegre. Foram vários movimentos, paralisações 13 e 14 de maio e após a greve que iniciou em 20 de maio com retorno em 08 de junho. Ainda participamos da votação do Plano Municipal De

Educação, muito trabalhado na escola, com espaços específicos de formações para a reelaboração do mesmo, com delegados representando a escola.

Nas semanas de 22 de junho à 03 de julho realizamos os Conselhos de Classe do primeiro trimestre, retomando as questões do Grêmio Estudantil em 16 de julho, nos reunindo, professores que fazem a frente da criação do mesmo na escola e direção para pensar em novas ações para o início do segundo semestre, tendo em vista que na semana de 20 à 24/07/15 haverá aula somente para as turmas que necessitam recuperar dias de greve e na semana de 27/07/15 à 31/07/15 será recesso escolar para todos.

Como próximo encaminhamento, agendamos para o dia 06 de agosto uma nova reunião chamando os representantes de cada turma para constituir a comissão Pró-Grêmio, a mesma formada pelos alunos representantes de turma. Nesse momento apresentaremos modelos de estatutos e auxiliaremos na elaboração do mesmo. Essa comissão Pró-Grêmio deverá realizar o estatuto, e também organizar uma assembleia geral de alunos. Nessa Assembleia, será esclarecido a todos os alunos: posto que ao o que o Grêmio é, qual o objetivo do Grêmio na escola; deve ser exposto e apoiado o Estatuto do Grêmio e deve ser constituída a Representação Eleitoral.

Com datas a serem definidas, planejamos as seguintes ações:

1. Convidar representantes de vários grêmios e diretórios para vir conversar com a gurizada do Carmo. Estamos pensando em alguns eventos durante uma semana, e em uma grande atividade para fechar. Nesse período, estaremos colocando mais material informativo nos murais da escola e talvez pedir novamente o apoio dos colegas para fazer uma nova conversa com seus alunos após essas atividades.
2. Construir a partir da repercussão das ações anteriores, uma semana de convocação para a constituição da Comissão Pró-Grêmio (ver material da

ONG Sou da Paz), com passagens em sala de aula e distribuição de panfletos. A partir da primeira reunião, convocar uma assembleia geral de alunos para fundação do grêmio e convocação de eleições.

3. Constituir a comissão Pró-Grêmio, como modelo, a proposta de Estatuto do Grêmio Estudantil da Escola Estadual de Ensino Médio Dyonélio Machado de Esteio, formada por alunos que representem sua turma ou escolhidos por seus colegas. A comissão realizará o estatuto e organizará a assembleia geral de alunos. Na realização da assembleia, alguns pontos essenciais deverá ficar claro para todos os alunos, como: o que é um Grêmio e qual sua finalidade na escola. O Estatuto do Grêmio deve estar pronto e apresentado para aprovação, como também formar a Comissão Eleitoral.
4. Importante no início da reunião, um participante já combinado anteriormente, será o secretário, ele será responsável, isto é, ele ficará com a responsabilidade de escrever tudo o que acontecer na assembleia, quem esteve presente, o horário do início o local em que foi realizada; as questões e temas que foram discutidos e a quantidade de votos, sejam eles favoráveis ou contrários.
5. A ata deve ser assinada no final da assembleia por todos os presentes. A data da eleição, a inscrição das chapas dos candidatos, como também a fiscalização do processo eleitoral e resolver eventuais dúvidas que surjam no processo eleitoral será de responsabilidade da Comissão Eleitoral. Os membros dessa Comissão devem efetivar a apuração dos votos, anunciar os vencedores e constituir o ato de posse.
6. O Estatuto do Grêmio precisará quanto a organização, o funcionamento e as suas atividades, deverá ser aprovado em Assembleia Geral dos alunos da escola, a mesma deve ser convocada para este fim, obedecendo à legislação própria. Por voto secreto e direto, os alunos aprovarão o Estatuto, escolherão

seus dirigentes e dos representantes do Grêmio, sempre observando, as normas da legislação eleitoral.

7. A etapa seguinte será as eleições do Grêmio pode ser um momento bastante interessante de exercício democrático. É bem possível que contemos somente com uma chapa única, mas vamos pensar em alguma dinâmica de participação de professores que possibilite que se constituam mais chapas - escolher professores com boa relação com alunos para capitanear a formação de chapas com propostas bem diferentes.
  
8. Concluídas as eleições, vamos acompanhar o trabalho do Grêmio ao longo desse ano. Possivelmente as reuniões serão nas quintas-feiras, no horário das reuniões pedagógicas e horário vespertino, isso para que todos possam participar.

## 5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A organização em termos teóricos e práticos da escola procura retomar e responder, de forma processual, aos desafios colocados pela realidade dinâmica em que se encontra. Desafios esses que abrangem desde uma lógica mais pontual (na qual algumas questões ganham destaque, como os conflitos que ocorrem dentro da comunidade, o tráfico e consumo de drogas e a falta de estímulo para a aprendizagem no ambiente familiar), até alcançar uma lógica mais abrangente (como a inserção dos indivíduos no fluxo global, a necessária mudança nos paradigmas da educação e, assim, uma busca de sincronia entre o que a sociedade demanda e o que a escola oferece). A partir destes múltiplos desafios, se tem o objetivo de imprimir um sentido comum ao que se pensa e ao que se pratica enquanto escola; sentido esse, no entanto, que não representa uma forma única de agir, mas um eixo direcionador para uma ação respaldada na coletividade.

Essa organização remonta ao eixo norteador da escola, ou seja, cada ação é pensada em termos de mediação da construção de conhecimentos a partir do domínio de habilidades e de competências, que permitam um posicionamento afirmativo de cada aluno e aluna perante as diferentes situações. Assim, a partir deste eixo, torna-se possível delinear as opções da ação educativa.

Fazer parte e compartilhar é importante para poder mudar ou melhorar. Se não estamos felizes com alguma coisa, podemos sugerir possibilidades e colaborar na sua transformação. Se estamos satisfeitos com algumas coisas, podemos nos envolver na sua divulgação e assim, ajudar para que outras pessoas também aprendam com nossas experiências. Isso é exercício de cidadania.

Analisando o trabalho realizado até o presente momento, concluímos que os estudantes são protagonistas fundamentais no cenário escolar, reconhecendo e entendendo a importância que a cultura desse segmento atribui à escola, emergentes no universo do contexto da educação, contribuindo para o fazer docente. Desta forma, consideramos

relevante trazer os estudantes para o centro das discussões, no interior da escola, promovendo a maturidade de sua liberdade, sua iniciativa e sua participação com responsabilidade.

Durante o processo surgiram algumas reflexões:

- O principal empecilho para o exercício do protagonismo juvenil está relacionado a uma compreensão meramente biológica da juventude?

- Razões da exclusão dos estudantes dos processos decisórios?

- Instrumentalizar os estudantes, para o seu empoderamento e emancipação social?

Para tornar efetivo o protagonismo juvenil, necessário compreendê-los como sujeitos de determinação, de cooperação dinâmica e construtiva, no ambiente escolar. Essa participação, deve ser pautada na democracia, com a participação autêntica do estudante, sem coagi-los, ou manipulá-los, de forma a contribuir com seu desenvolvimento pessoal e social, de maneira autônoma, solidária e comprometida.

Essa proposta de criação do Grêmio Estudantil na escola, pretende avançar para uma educação que permita aos estudantes desenvolverem-se integralmente como seres humanos, bem como estarem aptos a, futuramente, participarem ativamente nas discussões e decisões de suas comunidades, tenham voz e saibam se posicionar, como aqueles, oriundos de escolas privadas, estes inevitavelmente terão melhores condições para tal. Isto se dá, não porque a qualidade da educação privada é superior, pois é comprovado que nosso quadro de professores é bastante qualificado, visto que grande parte dos professores é pós-graduado, alguns com mestrado e doutorado, na sua maioria constantemente buscando qualificação. Além disso a Secretaria Municipal de Educação oferece espaços de crescimento profissional com cursos, seminários e espaços de formação e de planejamento constante.

Pensando no resgate destes alunos e sua maior participação na escola, a sua interação prevê maior tempo na escola, envolvimento na rotina da mesma, tendo em vista o retorno acerca do trabalho desenvolvido, bem como a necessidade de trabalhar com os conhecimentos vindos da experiência da comunidade, tão fundamentais para ampliar o conhecimento dos nossos alunos, bem como ensinar o respeito com o que foi historicamente produzido pela humanidade. Isso lhes oferecerá a dimensão histórica da produção social do conhecimento.

Após avaliar os alunos da nossa escola nos últimos anos, podemos afirmar que este fenômeno ocorre principalmente pelas trajetórias de vida dos próprios estudantes, bem como os fatores do contexto social em que a escola se insere. Essas questões sociais ultrapassam os muros da escola, porém, acreditamos que a escola pode cumprir importante papel ajudando a amenizar tais problemas. Dentre os fatores que contribuem, já especificados anteriormente, ressaltamos a convivência muito próxima com o tráfico de drogas e com a violência e, especialmente, a condição social vulnerável (pobreza) característica da comunidade em questão. Esse fator se torna fundante se analisarmos que a situação da nossa comunidade tem consequências diretas nas questões de socialização.

Acreditamos que a ampliação do tempo na escola contribuirá para manter essas crianças mais tempo longe da violência, do abuso sexual e das drogas, bem como ampliar as suas convivências no espaço educativo, aprendendo assim a valorizar o conhecimento como bem cultural da humanidade e aumentar sua preocupação com valores importantes à convivência social, como cuidado consigo mesmo e com os outros, o amor pelos seres humanos e o respeito às diferenças existentes na nossa sociedade.

Pensamos que seja possível avançar na organização da continuidade dos trabalhos levamos em consideração algumas questões:

- É possível ainda explicar a participação dos alunos nas atividades da escola apenas pelo aspecto socioeconômico?

- De que modo os compreendemos como sujeitos de iniciativa, de participação ativa e construtiva no ambiente escolar?
  
- Até que ponto é conveniente que critérios de excelência determinados de fora da escola possam servir de balizadores para nossa ação educativa?
  
- De que modo nossa crença na defasagem primordial de nossos alunos condiciona nossas práticas e procedimentos?
  
- Estariam nossos alunos de periferia imersos em um mundo radicalmente diferente do restante da sociedade?
  
- Os casos de desestruturação familiar e violência que se observa nos bairros pobres seriam fenômenos localizados ou coextensivos a toda sociedade?
  
- Seria o desinteresse pela escola efeito de uma formação inadequada de boa parte dos professores?

Estas e outras questões podem ser lançadas como possibilidades de avanço no mapeamento dos problemas explicitados. De qualquer forma, acreditamos que para desdobrar estas questões de modo construtivo seria importante nos debruçarmos em temas de relevância que atravessam e constituem o modo de vida contemporâneo e que influenciam práticas, comportamentos, juízos de valor, projetos de vida e também políticas públicas.

No sentido de avançar sobre essas discussões lançamos a proposta ao grupo de professores da escola de uma formação, articulando com o tema: *É possível uma aproximação maior na compreensão da FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA*, suas novas configurações, seus paradoxos e pretensas omissões. No final, propomos o debate da relação ética *ALUNO/PROFESSOR* sob a luz das discussões anteriores e focando temas como



desmotivação, indisciplina, falta de perspectiva, frustração, autoestima, liberdade, autonomia e competência dentre outros que constituem o universo discursivo do cotidiano escolar.

Por isso acredito, esse processo com muitos fatores que implicam em novos planejamentos está sendo muito rico, pois quanto mais estimulamos a participação e a colaboração dentro da nossa comunidade local e escola, mais estaremos integrando na construção de uma sociedade ativa, informada, consciente e responsável.

Por fim, todas as propostas almejam que o estudante goste de ficar e participar da escola sinta-se desafiado não somente ao Grêmio Estudantil, mas a descobrir novas possibilidades e olhares no ato de participar ativamente e compreender a maneira de interagir ativamente da sociedade que faz parte.

## REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Mônica. **Colegiado Escolar: Espaço de participação da comunidade**. São Paulo: Cortez, 2003.

AFONSO, Almerindo Janela. **Reforma do Estado e políticas educacionais: entre a crise do Estado-Nação e a emergência da regulação supranacional**. *Educação & Sociedade*, ano XXII. Educ. Soc. [online]. 2001, vol.22, n.75, pp. 15-32. ISSN 1678-4626. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302001000200003>.

AGUIAR, Regina Célia Ferreira; GRÁCIO, Juçara da Costa. **Grêmios Estudantis: Construindo novas relações na escola**. In: BASTOS, João Baptista (org.). *Gestão Democrática*. Rio de Janeiro: BP&A: SEPE, 2001, 2ª edição. Coleção: O Sentido da Escola.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CORA, Daniel. **Caderno Grêmios em Forma**. São Paulo, 2003, 3ª edição. Instituto Sou da Paz.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **O DIREITO À EDUCAÇÃO: Um campo de atuação do gestor educacional na escola**. 2011.

CURY, Carlos A. Jamil. **A gestão democrática na escola e o direito à educação**. RBP&E, v. 23, n. 03, set-dez/2007, p. 483-495

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da Pesquisa-Ação**. *Educação e Pesquisa*. São Paulo. V. 31, n. 3, p. 483-502. Set./dez. 2005.

GALINA, Irene de Fátima. **Gestão democrática e Instâncias colegiadas**. In: CARVALHO, Elma Júlia (org.). *Caderno Temático - Gestão Escolar*. Material pedagógico produzido no PDE. Maringá, 2007.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

[LEI FEDERAL 7.389 DE 04/11/1985](#) - DISPÕE SOBRE A ORGANIZAÇÃO DE ENTIDADES REPRESENTATIVAS DE ESTUDANTES DE 1º E 2º GRAUS.

LÜCK, Heloísa. Ação integrada: administração, supervisão e orientação. Petrópolis: Vozes, 2002.

MISSIO, Luciani; CUNHA, Jorge Luiz da. **Um olhar sobre a educação moderna no século XXI**. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/056e4.pdf>

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2008.

MOURA Marcilene Rosa Leandro. **O Grêmio Estudantil na Gestão da Escola Democrática: protagonismo e resiliência ou despolitização das práticas formativas?** Revista de Ciências da Educação - UNISAL - Americana/SP - Ano XII - Nº 23 - 2º Semestre/2010.

NOÉ Alberto. **A relação Educação e Sociedade. Os fatores sociais que intervêm no processo educativo**. Revista Avaliação, Universidade de Campinas. Campinas, vol. 5 nº 3 (17). Setembro 2000.

RIBEIRO, Vera Masagão; KALOUSTIAN, Silvio. **Projeto Indicadores da Qualidade na Educação**. São Paulo. 3ª Edição. Jan. 2007.

SILVA, Marcelo Soares Pereira da. **Planejamento: Concepções**. Escola de Gestores da Educação Básica. PPGE\_- \_UNIDADE\_2\_- \_Planejamento\_- \_Concepcoes.pdf. Abr. 2011.

SPOSITO, Marília Pontes. **Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação**. Trabalho apresentado na XXII Reunião Anual da ANPEd, Caxambu. Setembro de 1999. Publicado em: Revista Brasileira de Educação, n. 13 Jan/Fev/Mar/Abr 2000.

VEIGA, Zilah de Passos Alencar. **As instâncias colegiadas da escola**. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro et al. Escola: espaço do projeto político-pedagógico. Campinas, SP: Papirus, 1998.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Gr%C3%AAmio\\_estudantil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gr%C3%AAmio_estudantil).

[http://protagonismojuvenil.blogspot.com.br/2007\\_06\\_01\\_archive.html](http://protagonismojuvenil.blogspot.com.br/2007_06_01_archive.html)

## ANEXOS

## Anexo A: Panfleto 1

# GRÊMIO: O que é? Para que serve?

- ↳ O Grêmio é uma organização que representa os interesses dos estudantes na escola;
- ↳ Espaço de aprendizagem de cidadania, convivência e responsabilidades.

## Anexo B: Panfleto 2

**EXERÇA SUA CIDADANIA.**

Construa o  
**GRÊMIO**   
ESTUDANTIL  
na sua escola.



## APÊNDICES

### Apêndice A: Pauta Reunião de Equipe

#### PAUTA E DECISÕES

PONTOS DE PAUTA	DECISÃO
-CALENDÁRIO 2015	-VER C/ OS PROFESSORES : PASSAR O TURNO ÚNICO DE 02/3 P/ 05/03.
-GRÊMIO ESTUDANTIL	-TODOS CONCORDAM C/ A CRIAÇÃO -SOLICITAR AJUDA DOS PROFS. P/ MAIOR ENVOLVIMENTO -PROPOR UM GRUPO DE TRABALHO
-PROJETO TIM FAZ CIÊNCIA	-PARTICIPARÃO: B20 (PROFS. CAMILE E M <sup>A</sup> ALICE)
-PROJETO ALUNO CIDADÃO	-B10 (PROFS. ANA LÚCIA, CAROLINA, M <sup>A</sup> CRISTINA)

**Apêndice B: Questionário****E.....****QUESTIONÁRIO**

1- Você sabe o que é Grêmio Estudantil?

---

---

---

---

2- Por que criar um Grêmio na escola?

---

---

---

---

3- De que forma você acredita que o Grêmio pode realmente participar do dia-a-dia da escola?

---

---

---

---

4- Que tipo de atividades podem ser realizadas através do Grêmio Estudantil?

---

---

---

---

5- Como essas atividades podem ajudar a melhorar a nossa realidade escolar?

---

---

---

---

“Tudo o que acontece no mundo, seja no meu país, na minha cidade ou no meu bairro, acontece comigo. Então eu preciso participar das decisões que interferem na minha vida”.

(Herbert de Souza)



**Apêndice C: Pauta Reunião Alunos****PAUTA REUNIÃO****DATA DA REUNIÃO: 09/03/2015****REUNIÃO DO SEGMENTO ALUNOS****PAUTA**

- 1- Lei nº 7.398, de autoria do deputado federal Aldo Arantes, de 04 de novembro de 1985 e sancionada no dia 5 de novembro, que garante a livre organização dos estudantes secundaristas, como também dispõe sobre a organização de entidades estudantis representativas dos estudantes.
  
- 2- Apresentação dos primeiros passos para a constituição do Grêmio Estudantil.

I – Os alunos que pretendem participar da formação do grêmio comunicam à direção da escola, divulga a proposta entre os alunos, convidando os interessados e os representantes de classe para formar a Comissão Pró-Grêmio. Este grupo elabora uma proposta de estatuto que será discutida e aprovada pela Assembleia Geral.

II - A Comissão Pró-Grêmio convoca todos os alunos da escola para participar da Assembleia Geral. Nesta reunião, decide-se o nome do grêmio, o período de campanhas das chapas, a data das eleições e se aprova o Estatuto do Grêmio. Nessa reunião também são definidos os membros da Comissão Eleitoral.

Importante: A Assembleia Geral precisa ser registrada em ata.

III - Os alunos reúnem-se e formam as chapas que concorrerão à eleição. Eles devem apresentar suas ideias e propostas para o ano de gestão no

Grêmio Estudantil. A Comissão Eleitoral promove debates entre as chapas, abertos a todos os alunos.

IV – A Comissão Eleitoral organiza a eleição (o voto é secreto). A contagem é feita pelos representantes de classe, acompanhados de dois representantes de cada chapa e, eventualmente, dos coordenadores pedagógicos da escola. No final da apuração, a Comissão Pró-Grêmio deve fazer uma Ata de Eleição para divulgar os resultados.

V – A comissão Pró-Grêmio envia uma cópia da Ata de Eleição e do Estatuto para a direção da escola e organiza a cerimônia de posse da diretoria do Grêmio.

- 3- Colocações sobre a organização dos alunos na escola, que será formado apenas pelos mesmos e de forma independente, sendo responsáveis por desenvolverem atividades culturais, esportivas e também auxiliando na melhoria de outros espaços, como também criação de projetos e promoção de encontros, palestras e debates que possam interessar aos alunos da escola.
- 4- Conversa sobre a postura dos integrantes do Grêmio Estudantil, representam a escola.